

A RODA DA ESCRITURA EM *A HORA DA ESTRELA*, DE CLARICE LISPECTOR: UMA ENGRENAGEM COMPLEXA

João Paulo Vicente Prilla*

RESUMO: Este artigo propõe uma breve análise da novela *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, à luz da teoria genética denominada *roda da escritura*, elaborada por Philippe Willemart (2009), discutindo cada uma das suas quatro instâncias – escritor, *scriptor*, narrador e autor – e observando como cada uma delas é apresentada na narrativa. A escolha da referida obra literária justifica-se pelo fato de que ela contempla “uma história escrita dentro da história”, onde a autora cria um narrador (Rodrigo S. M., que também é escritor) com a finalidade de não ser percebida. Considerando a natureza singular da obra, o que inclui o fato da autora – figura marcante da literatura brasileira – revelar-se inúmeras vezes na voz do narrador, e ambos serem escritor e *scriptor*, um estudo da sua *roda da escritura* acaba nos apontando para a complexidade e o dinamismo estabelecidos pelo movimento de suas quatro instâncias. Para além, esse estudo poderá oferecer contribuições para a fortuna crítica da obra de Clarice Lispector, bem como ao campo de investigações da Crítica Genética e dos processos de criação artística na contemporaneidade, em especial àqueles que têm como objeto de análise a *roda da escritura* ou uma de suas quatro instâncias em uma determinada narrativa literária.

PALAVRAS-CHAVE: A hora da estrela. Clarice Lispector. Roda da escritura.

A culpa é minha ou A hora da estrela ou Ela que se arranje ou...

No pequeno texto de apresentação assinado por José Castello – jornalista, escritor, ensaísta, crítico literário, mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, apreciador e investigador da obra de Clarice Lispector, que há anos vem trabalhando a obra da escritora sob a perspectiva da bruxaria e da filosofia (MAGIOLI, 2015) – e contido nas orelhas de *A hora da estrela* (1ª edição da Editora Rocco), constata-se alguns apontamentos interessantes e pertinentes à reflexão pretendida por este trabalho. Castello começa afirmando que a referida obra é diferente de todas as narrativas lispectorianas publicadas até então, caracterizadas, nas palavras do crítico, pela “inflexão intimista”. De acordo com o resenhista, a história protagonizada por Macabéa é um “salto na extroversão” que se afasta dessa inflexão intimista e “desafia a realidade”, culminando no livro mais aclamado e surpreendente que Lispector escreveu. Acrescenta-se, aqui, que esta talvez seja uma das obras mais enigmáticas e complexas do Modernismo literário brasileiro e da literatura em língua portuguesa – tendo em vista o profundo teor plurissignificativo e o extenso rol de literariedades que a qualificam, os quais fomentam um amplo leque de leituras e possibilidades. Tal leque torna o debate em torno dessa narrativa sempre atual e instigador, adjetivos que contribuem para a imortalização da criação e da criadora – entidades de difícil dissociação quando se discute Clarice Lispector e *A hora da estrela*, ou vice-versa.

* Doutorando em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Puc-SP).

Dada a natureza singular dessa obra – intimista e introspectiva – bem como da vida de sua autora, seu discurso, sua linguagem, seu comportamento, suas atitudes e convicções, pode-se dizer que as fronteiras do real e do ficcional invadem uma à outra constantemente ao longo dessa narrativa. Em outras palavras, não é possível falar ou discutir Clarice Lispector sem adentrar em *A hora da estrela*, assim como um debate sobre essa obra sempre encontrará, mesmo que por uma fresta minúscula ou pela figura do narrador – batizado Rodrigo S. M. – o discurso, as convicções, a essência humana e literária da escritora. Criação e criadora acabam estabelecendo uma relação de interdependência, revelando-se como uma unidade icástica, fenômeno raro na prosa literária brasileira.

Sobre o narrador Rodrigo S. M., e ainda de acordo com o texto de Castello presente na orelha da contracapa do exemplar em questão, “Clarice cria até um falso autor para seu livro, [...] mas nem assim consegue se esconder”. E é no plano da narração digressiva de Rodrigo S. M., quando este se afasta da personagem Macabéa e se aproxima de Clarice Lispector, que o presente artigo encontrará seu território para uma breve análise, a fim de alcançar seu objetivo precípua: localizar as quatro instâncias da *roda da escritura* (WILLEMART, 2009) – escritor, *scriptor*, narrador e autor – na referida novela (enquanto escritura final).

À primeira vista, a narrativa de *A hora da estrela* parece ser fácil de se assimilar ou de se apreender. Entretanto, logo nas primeiras páginas, o leitor se depara com uma narrativa que vai se revelando, gradualmente, complexa e de uma inovação estilística pouco comum na literatura brasileira. O fio condutor desse romance, pertencente à terceira geração da prosa modernista brasileira, que é narrado por Rodrigo S. M. em pouco menos de 90 páginas, aparentemente é simples: trata-se da história da nordestina Macabéa, uma mulher miserável, de 19 anos de idade, que mal tem consciência de existir. Após perder uma velha tia – o seu único elo com o mundo – deixa Alagoas, sua terra natal, e migra para o Rio de Janeiro, onde divide um quarto com outras quatro moças, consegue um emprego de datilógrafa e passa seu tempo ouvindo a Rádio Relógio. Em dado momento da história, Macabéa apaixona-se pelo ardiloso e mau-caráter Olímpico de Jesus, nordestino da Paraíba que também se mudou do Nordeste para o Rio de Janeiro, onde exerce a função de metalúrgico. Os dois começam a namorar, mas pouco tempo depois, Olímpico se interessa por Glória, colega de trabalho de Macabéa, logo consumando a traição. Desesperada, Macabéa recorre a uma cartomante – madama Carlota – que lhe prevê um futuro brilhante e promissor, nada parecido com aquilo que, efetivamente, lhe esperava.

Entretanto, além do enredo mencionado no parágrafo anterior, há duas outras maneiras de se ler *A hora da estrela*. A segunda maneira pode ser compreendida a partir do momento

em que o narrador, Rodrigo S. M., andando pela rua, capta o olhar de desespero de uma jovem nordestina no meio da multidão. É nesse momento que nasce Macabéa, personagem que representa a miséria inerente à autora, ao narrador, ao *scriptor*, ao escritor, ao leitor e a todas as pessoas. O vínculo entre Rodrigo S. M. e Macabéa é peculiar, assemelhando-se a uma relação de amor e ódio, uma vez que ele nos conta a vida dessa moça como tentativa de se livrar da sensação de mal-estar que ela representa e que o contagiava, ao mesmo tempo em que se compadece e se revolta, inclusive sentindo-se culpado por possuir um padrão socioeconômico mais elevado que o da nordestina e da maioria da população marginalizada.

Assim, Rodrigo S. M. acaba instituindo um jogo de alteridade na narrativa, quando propõe que o leitor também se coloque no lugar do outro para experimentar as sensações vivenciadas por Macabéa, especialmente a miséria – no sentido mais amplo da palavra – que a caracterizava, e perceber que qualquer indivíduo poderá encontrá-la em seu âmago, pois ela é inerente a todos nós. Nesse sentido, *A hora da estrela* e as demais produções da prosa da terceira geração modernista (como *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, e também os romances e contos de Lygia Fagundes Telles) não visaram somente denunciar as mazelas sociais e ou dar visibilidade às classes ou grupos marginalizados, como de praxe na fase anterior do modernismo brasileiro, mas, além disso, induzir ou oferecer ao leitor uma epifania, uma revelação, ainda que despertada por um mal-estar ou por um estranhamento – como ocorre no título lispectoriano que vem embasando esta discussão.

Um terceiro possível enredo de se conceber é aquele em que o narrador Rodrigo S. M. se revela tão fundamental quanto a personagem Macabéa, dividindo, de certo modo, o protagonismo com a moça e constituindo-se em uma entidade narrativa essencial à história por ele contada. Nesse terceiro enredo possível, Rodrigo S. M., além de contar a história de Macabéa, faz digressões sobre a literatura e o ofício do escritor, estabelecendo uma interessante crítica metalinguística quando discute o papel da literatura e o processo de criação literária; a limitação da literatura diante da busca existencial; o poder da palavra; os modismos, tendências ou uma originalidade duvidosa que acabam descaracterizando as obras literárias de alguns escritores; a busca obsessiva por um rigor formal; entre outros inúmeros exemplos que podemos encontrar ao longo da leitura de *A hora da estrela*. Corroborando com esse terceiro enredo, e dialogando com os outros dois, Clarisse Fukelman (1991) faz o seguinte registro:

Escrever o livro, escrever Macabéa e, sobretudo, escrever a si mesmo, eis o grande desafio. Dessa proposta cria a dramaticidade da narrativa, pois a escrita envolve múltiplas e complexas relações: entre escritor e seu texto, entre escritor e seu público, entre escritor e esta personagem tão distante de seu universo. A linguagem, moeda de comunicação entre os homens, ganha foros de personagem. E personagem em crise. Emergem indagações: a palavra que se usa expressa o que se é verdadeiramente? é a linguagem que funda a realidade? a palavra distancia ou

aproxima pessoas? dispor da palavra é um dom ou uma maldição? que palavra cabe ao artista contemporâneo? que palavra se adequa ao escritor terceíromunista para falar de um Brasil miserável? que papel se espera do artista? (FUKELMAN, 1991, p. 9-10)

Essas três concepções de enredos de *A hora da estrela* se entrecruzam e se interligam durante toda a narrativa, são interdependentes, não sendo possível suas dissociações ou exclusões. Em síntese, o primeiro enredo diz respeito à trajetória de Macabéa; o segundo, às reflexões/descrições que o narrador Rodrigo S. M. lança sobre Macabéa, convidando o leitor a provar as sensações e a miséria experimentada pela moça; e a terceira, o solilóquio metalinguístico que Rodrigo S. M. – narrador, escritor, *scriptor* e autor – estabelece sobre o campo literário, suas problemáticas e implicações, numa perspectiva quase mística-filosófica-existencial.

Nem o *Lamento de um blue*, nem um *Assovio no vento escuro*: um mistério chamado Clarice

Clarice Lispector é um ícone. Não somente pela riqueza de sua produção literária, ou pelo que esta representa ou significa no panorama literário brasileiro ou na literatura de língua portuguesa, mas pela mulher de personalidade e convicções marcantes que continua influenciando gerações e conquistando novas legiões de leitores e admiradores. Mais do que icônica, Clarice Lispector é um mistério. E por ser mistério que permanece e instiga, tanto no plano de criadora quanto no plano de suas criações, torna-se imortal.

Filha de imigrantes judeus, Clarice Lispector nasceu em 10 de dezembro de 1920 em Tchetchelnik, Ucrânia. Em 1922, seus pais migraram para o Brasil, terra que considerava como sua verdadeira pátria. Em 1924, após um breve período em Maceió, a família mudou-se para o Recife, onde iniciou seus estudos. Por volta dos oito anos, Clarice perdeu sua mãe. Três anos depois, a família mudou-se para o Rio de Janeiro. Lispector teve uma infância de privações, marcada pela dificuldade de adaptação da família no Brasil e pela morte precoce da mãe. Em 1939, ingressou na Faculdade de Direito, publicando no ano seguinte seu primeiro conto, “Triunfo”, na revista Pan. Formou-se em 1943 e, nesse mesmo ano, casou-se com o diplomata Maury Gurgel Valente, com que viveu na Suíça e nos Estados Unidos. Em 1943, publicou seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, obra que lhe concedeu o Prêmio Graça Aranha, da Academia Brasileira de Letras, no ano seguinte. Além de dedicar-se à escrita para o público adulto, escreveu muitas obras para o público infantojuvenil (MOSER, 2017).

Dividida entre a vida doméstica e as ambições literárias, separa-se de seu marido em 1959 e volta para o Rio de Janeiro com seus dois filhos. No ano seguinte, publica seu primeiro livro de contos, *Laços de família*. Mãe solteira numa época em que o divórcio não era legalizado no Brasil, ela batalhou para sobreviver. Escrevia crônicas em jornais e revistas, e até colunas femininas, dando dicas de moda e etiqueta para damas leitoras da sociedade carioca. Enfrentava angústia e solidão e amargava, apesar do prestígio junto aos críticos, a tacha de “autora difícil” – o que nem sempre lhe garantiu acesso às editoras. Fukelman (1991) escreve que

Ela tinha consciência de sua diferença. Desde pequena, ao ver recusadas as histórias que mandava para um jornal de Recife, pressentia que era porque nenhuma “contava os fatos necessários a uma história”, nenhuma relatava um acontecimento. Sabia também, já adulta, que poderia tornar mais “atraente” o seu texto se usasse, “por exemplo, algumas das coisas que emolduram uma vida ou uma coisa ou romance ou um personagem” (FUKELMAN, 1991, p. 5)

Em 1967, um cigarro provoca um grande incêndio em sua casa e Clarice fica gravemente ferida, correndo risco inclusive de ter sua mão direita amputada – daí a explicação para sua caligrafia tremulada, uma de suas principais marcas. Porém, após se recuperar, continua com sua carreira literária publicando diversos livros. Publica em 1977 seu último livro, *A hora da estrela*, vindo a ser internada pouco tempo depois com câncer em um dos ovários. A escritora faleceu no dia 9 de dezembro do mesmo ano, um dia antes de seu aniversário de 57 anos (MOSER, 2017).

É referência, de uma unanimidade que inclusive ganhou homenagens por parte de literatos e de outros artistas. Inspirou Caetano Veloso (1968) a compor uma canção, batizada *Clarice*:

Há muita gente
Apagada pelo tempo
Nos papéis desta lembrança
Que tão pouca me ficou
Igrejas brancas
Luas claras nas varandas
Jardins de sonho e cirandas
Foguetes claros no ar
Que mistério tem Clarice
Que mistério tem Clarice
Pra guardar-se assim tão firme, no coração
(VELOSO, 1968)

Já Carlos Drummond de Andrade, que manteve com Clarice Lispector uma “amizade duradoura e mútua na admiração” (NOLASCO, 2008, p. 237), escreveu em 9 de dezembro de 1977, por ocasião da morte da amiga, um poema intitulado *Visão de Clarice Lispector*:

Clarice,
veio de um mistério, partiu para outro.

Ficamos sem saber a essência do mistério.
Ou o mistério não era essencial,
era Clarice viajando nele.

Era Clarice bulindo no fundo mais fundo,
onde a palavra parece encontrar
sua razão de ser, e retratar o homem.

O que Clarice disse, o que Clarice
viveu por nós em forma de história
em forma de sonho de história
em forma de sonho de sonho de história
(no meio havia uma barata
ou um anjo?)
não sabemos repetir nem inventar.
São coisas, são joias particulares de Clarice
que usamos de empréstimo, ela dona de tudo.
(ANDRADE, 2014, p. 71-72)

José Castello, especialista em Clarice Lispector, afirma que a escritora é, ao lado de Fernando Pessoa, o grande gênio da literatura em língua portuguesa (MAGIOLI, 2015). Benjamin Moser (2017), por sua vez, escreve na biografia de Clarice que, se hoje ela é uma figura mítica das letras brasileiras – bela, misteriosa e brilhante –, sua vida foi recheada de percalços que a tornam mais complexa do que mostra a imagem oficial.

Em síntese, o leitor até pode se aproximar da esfinge Clarice Lispector e ter uma revelação particular. O mistério, entretanto, prevalecerá. Esta é a essência de si e de sua obra – e o que a inscreve em um projeto para a posteridade, e ainda depois.

As quatro instâncias da *roda da escritura* no *Registro dos fatos antecedentes* (ou na *História lacrimogênica de cordel...*)

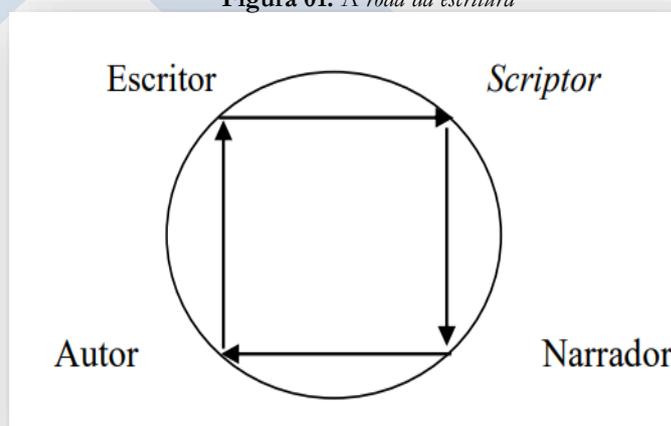
O manuscrito é o objeto por excelência da Crítica Genética (WILLEMART, 1999). Entretanto, os estudos genéticos – um campo científico relativamente recente e em franca profusão acadêmica – apresentam-se, cada vez mais, interdisciplinares (SALLES, 1998). Nesse sentido, muitos pesquisadores levantaram algumas discussões acerca da natureza da Crítica Genética e seu objeto de pesquisa, sua teoria e sua metodologia, ampliando as possibilidades de investigação para além da escritura literária, do manuscrito, da rasura e da marginália.

Para Ferrer (2002) a Crítica Genética deverá ser “transdisciplinar, transartística e transsemiótica ou deixará de existir”. Logo, outros estudos dos processos de criação artística apropriaram-se do quadro teórico-metodológico da Crítica Genética: música, pintura, dança, escultura, teatro, arquitetura etc. Há um debate, inclusive, em torno da nomenclatura desse campo de estudos, visto seu caráter interdisciplinar que possibilita a investigação da gênese em diferentes processos artísticos, não somente na literatura.

Há de se considerar, também, que o pesquisador, o crítico genético ou estudioso dos processos de criação assuma os pressupostos do novo paradigma do pensamento sistêmico – a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade (ESTEVES, 2002) – pensando para além de seu objeto. Com isso, é mais conveniente falar, na contemporaneidade, a expressão *estudo dos processos de criação* em detrimento da denominação *Crítica Genética* – sendo esta última o aporte teórico-metodológico fundamental para tais estudos. O manuscrito continua sendo o objeto por excelência da Crítica Genética, entretanto perde seu caráter de exclusividade, dividindo espaço com outros objetos e maneiras de se analisar e investigar o processo criativo.

Para a análise pretendida por este artigo, não serão utilizados os manuscritos de *A hora da estrela*, localizados no Instituto Moreira Salles, no Rio de Janeiro. Trata-se de um estudo que tem por seu objeto a referida obra de Clarice Lispector, fundamentado naquilo que Philippe Willemart – precursor dos estudos da Crítica Genética no Brasil – denominou *roda da escritura*, a qual possui quatro instâncias: “escritor, *scriptor*, narrador e autor, cada uma situada no ângulo de um quadrado inserido em uma roda” (WILLEMART, 2009, p. 38).

Figura 01: A roda da escritura



Fonte: WILLEMART, 2009, p. 38

As quatro instâncias presentes na *roda da escritura* operam com a mesma importância e força e agem em um movimento circular constante, com a finalidade da construção da obra literária.

Tendo por base a figura elaborada por Willemart (2009), entende-se que o *escritor* é a instância que atua na primeira etapa da formação de ideias. O *escritor* observa. E mais do que observar, o *escritor* sente, apreende o mundo e a realidade sensível. O *scriptor*, por sua vez, inscreve. É a instância que atua na segunda etapa, onde uma ideia ou uma representação na língua do *escritor*, fruto da observação, se transforma em si mesma – adentrando na linguagem,

torna-se ideia complexa e é inscrita pelo *scriptor* que, a serviço da linguagem, traça uma marca no papel. Quando o *scriptor* faz sua primeira inscrição, o mundo passa a ser somente representação, desvinculando-se da realidade. Em outras palavras, as ideias não representam mais as coisas, elas se representam entre si (WILLEMART, 2009, p. 53). A terceira instância diz respeito ao *narrador*, aquele que conta. O *narrador* centraliza o foco narrativo, cedendo ou não, a palavra à personagem. E por último, mas não menos importante, temos a quarta instância da *roda da escritura*: o *autor*. O *autor* confirma, recusa ou aceita, rasura ou prescreve o que o *narrador* propõe, sendo a instância responsável pela escritura final.

Dada a natureza peculiar da narrativa de *A hora da estrela*, onde temos uma voz lispectoriana evidente na narração de Rodrigo S. M. – o qual também é *escritor*, e nos conta uma história dentro da própria história – a análise da *roda da escritura* configura-se como uma engrenagem complexa e interessante, podendo ser mais distinta quando comparada a outro romance, ainda que com características similares e ou pertencente ao mesmo período literário. É justamente pela evidência de Lispector vestir-se como o *narrador* Rodrigo S. M., por este compartilhar da mesma profissão, dos mesmos anseios, medos, inquietações, questionamentos... revelados pela *autora* em inúmeras circunstâncias – literárias ou não –, como cartas, entrevistas, confidências a amigos, declarações à imprensa, crônicas para o jornal, entre outros, que a *roda da escritura* adquire uma complexidade ímpar nesse romance. Soma-se, além do que fora mencionado anteriormente, a simpatia/empatia de Rodrigo S. M. pela personagem Macabéa, a datilógrafa que apresenta sutilmente, em momentos de descuido, uma transfiguração e indícios da essência lispectoriana – seja pela sua miséria, tão inerente a todos nós, seja pelo seu caráter niilista, sua redução de si em nada.

Em *A hora da estrela*, Clarice Lispector levará até às últimas consequências a máxima de que “mais importante do que relatar um fato, será praticar o autoconhecimento e o alargamento do conhecimento do mundo através do exercício da linguagem” (FUKELMAN, 1991, p. 9). Tal prática de autoconhecimento, e o exercício da linguagem, da própria escrita, são aspectos que engrenam sua *roda da escritura*, fazendo-a girar e influenciando suas quatro instâncias. A constatação de que o romance apresentará essas quatro instâncias de modo hibridizado, tanto no plano da narrativa quanto no plano da escritura, já é evidenciada na dedicatória, onde lemos “DEDICATÓRIA DO AUTOR” e, logo abaixo, entre parênteses, “Na verdade Clarice Lispector”. A *roda da escritura* pressupõe que o *autor* é constituído pelo processo de escritura e que é perpassado pelas outras três instâncias. Percebe-se que a Clarice-autora de *A hora da estrela* não será a mesma Clarice-autora de *Perto do coração selvagem*, ou *Água viva*, ou *A paixão segundo G.H.*. Embora todos os títulos citados sejam de sua autoria, cada

qual possui uma *roda da escritura* com engrenagem própria, em que o trabalho do *escritor*, do *scriptor* e do *narrador* demonstrarão que a Clarice-autora de cada obra é entidade autônoma e distinta.

Ao longo da narrativa há alguns exemplos ilustrando a engrenagem delicada de sua *roda da escritura*. Em primeiro lugar, assinala-se a semelhança do *narrador* Rodrigo S. M. – também *escritor* e *autor*, e quem narra e escreve a história de Macabéa, confessando as dificuldades no processo de criação e de escrita literária – com a *autora* Clarice Lispector. O leitor que conhece Clarice Lispector constatará que Rodrigo S. M. é seu alter ego. Todas as inquietações, aspirações, convicções, bem como o discurso e o estilo lispectoriano, estão presentes na voz de Rodrigo. O fato de *A hora da estrela* ser *uma obra dentro de outra obra*, narrada/escrita por Rodrigo S. M., torna a engrenagem ainda mais complexa e curiosa, nem sempre de fácil compreensão.

O *narrador* oferece ao leitor algumas revelações acerca do processo de criação literária que resultou na escritura final, colocando em movimento as quatro engrenagens – instâncias – da *roda da escritura* e apresentando o trabalho que teve enquanto *escritor* e *scriptor*. O trecho abaixo, extraído da obra em questão, ilustra as quatro instâncias da *roda da escritura*:

Como eu irei dizer agora, esta história será o resultado de uma visão gradual – há dois anos e meio venho aos poucos descobrindo os porquês. É visão da iminência de. De quê? Quem sabe se mais tarde saberei. Como que estou escrevendo na hora mesma em que sou lido. Só não inicio pelo fim que justificaria o começo – como a morte parece dizer sobre a vida – porque preciso registrar os fatos antecedentes.

Escrevo neste instante com algum prévio pudor por vos estar invadindo com tal narrativa tão exterior e explícita. De onde no entanto até sangue arfante de tão vivo de vida poderá quem sabe escorrer e logo se coagular em cubos de geleia trêmula. Será essa história um dia meu coágulo? Que sei eu. Se há veracidade nela – é claro que a história é verdadeira embora inventada – que cada um a reconheça em si mesmo porque todos nós somos um e quem não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito ou saudade por lhe faltar coisa mais preciosa que ouro – existe a quem falte o delicado essencial.

Como é que sei tudo o que vai se seguir e que ainda o desconheço, já que nunca o vivi? É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina. Sem falar que eu em menino me criei no Nordeste. Também sei das coisas por estar vivendo. Quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe. Assim é que os senhores sabem mais do que imaginam e estão fingindo de sonsos.

Proponho-me a que não seja complexo o que escreverei, embora obrigado a usar palavras que vos sustentam. A história – determino com falso livre-arbítrio – vai ter uns sete personagens e eu sou um dos mais importantes deles, é claro. Eu, Rodrigo S. M. Relato antigo, este, pois não quero ser modernoso e inventar modismos à guisa de originalidade. Assim é que experimentarei contra os meus hábitos uma história com começo, meio e “gran finale” seguido de silêncio e de chuva caindo. (LISPECTOR, 1998, p. 12-13)

Trata-se de um excerto formidável – como todo o conjunto da obra – que, além de exemplificar as quatro instâncias da *roda da escritura*, ilustra como o movimento dessa

engrenagem é tênue e complexo, próprio dessa narrativa e da linguagem de Lispector. Nas primeiras linhas constata-se o domínio do *escritor*: “Como eu irei dizer agora, esta história será o resultado de uma visão gradual – há dois anos e meio venho aos poucos descobrindo os porquês.” Aqui, o *narrador* apresenta ao seu interlocutor como apreendeu, observou e sentiu tudo aquilo que viria a ser a sua narrativa. É a primeira etapa da formação de ideias que comporão o produto artístico-literário, a qual Willemart (2009) nomeou de *escritor*. A instância do *escritor* também pode ser identificada no terceiro parágrafo do fragmento ora analisado, mais precisamente no período “É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina.” Uma vez mais, o *narrador* expõe a primeira instância da *roda da escritura*, revelando a gênese do processo criativo, o momento em que o *escritor* observa e sente a moça nordestina, elegendo-a como a protagonista de sua obra.

A história de Macabéa, contada pelo *narrador* em seu “livro”, por sua vez, está dentro de *A hora da estrela*. Macabéa é a protagonista no plano literário de Rodrigo S. M. Entretanto, os dois são personagens e protagonistas, com a diferença de Rodrigo S. M. ser *narrador* e personagem simultaneamente – um narrador-personagem que se limita a contar a história da nordestina e a refletir sobre o processo criativo da escrita literária. Rodrigo S. M. figura como um personagem que não está presente de modo físico na vida da datilógrafa: “Devo dizer que essa moça não tem consciência de mim, se tivesse teria para quem rezar e seria a salvação. Mas eu tenho plena consciência dela: através dessa jovem dou o meu grito de horror à vida. À vida que tanto amo” (LISPECTOR, 1998, p. 33). Ela, ao contrário: lhe afeta e lhe causa um mal-estar, faz parte de sua vida, é observada e sentida pelo *escritor*, impulsionando-o no exercício da escrita literária.

O fragmento também apresenta a segunda instância da *roda da escritura*, o *scriptor*. Diferentemente do *escritor*, que observa, sente e apreende, o *scriptor* inscreve, coloca as ideias no papel, rasurando, modificando, materializando um universo de possibilidades. Vide a passagem: “Como que estou escrevendo na hora mesma em que sou lido. Só não inicio pelo fim que justificaria o começo – como a morte parece dizer sobre a vida – porque preciso registrar os fatos antecedentes”. Na etapa concernente à engrenagem do *scriptor*, uma ideia ou uma representação na língua do *escritor*, oriunda da observação e perpassada por sua subjetividade, se transforma em si mesma (WILLEMART, 1999; 2009).

As digressões do *narrador* Rodrigo S. M. exemplificam com propriedade a instância do *scriptor*, a dificuldade de transpor em palavras uma ideia remetida pelo *escritor* a partir de uma observação da realidade ou de um sentimento. No fragmento selecionado podemos constatar

mais uma referência ao *scriptor*, quando o *narrador* se propõe a escrever, no terceiro parágrafo, algo que “não seja complexo [...] embora obrigado a usar palavras que vos sustentam”. Além disso, o *scriptor* já tem certa consciência do fio que conduzirá o enredo da narrativa, adiantando que “A história [...] vai ter uns sete personagens e eu sou um dos mais importantes deles, é claro”. Os papéis do *escritor* e do *scriptor* enquanto engrenagens da *roda da escritura*, que são igualmente importantes e operam com a mesma força no processo criativo da escrita literária, serão recorrentes na narrativa, especialmente nas primeiras páginas.

O *narrador* é a terceira engrenagem da roda da escritura. Em *A hora da estrela*, a instância do *narrador* diz-se a todo momento e possui um nome: Rodrigo S. M. Este, além de contar uma história, narra sua experiência literária, especificamente com a história que está desenvolvendo: “Não se trata apenas de narrativa, é antes de tudo vida primária que respira, respira, respira. O que é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. E dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida” (LISPECTOR, p. 13). Ele experimenta a primeira e segunda etapas – *escritor* e *scriptor* – testemunhando a gênese do processo desde a fase mais embrionária até o resultado final da escritura. Também experimenta e problematiza o território do narrar, com o qual possui, teoricamente, maior grau de intimidade: “Há poucos fatos a narrar e eu mesmo não sei ainda o que estou denunciando” (LISPECTOR, 1998, p. 28).

Mais do que delimitar cada uma das quatro instâncias, acompanhamos a metamorfose do sujeito da escritura, um Rodrigo S. M. que é seu próprio desconhecido: “Desculpai-me mas vou continuar a falar de mim que sou meu desconhecido, e ao escrever me surpreendo um pouco pois descobri que tenho um destino.” (LISPECTOR, p. 15). Um sujeito da escritura que vai se desvelando, gradualmente, como um sujeito escalonado e multifacetado: de *escritor* para *scriptor*; de *scriptor* para *narrador*; e de *narrador* para *autor*. Quatro instâncias interdependentes na *roda da escritura*, quatro engrenagens que operam com a mesma força por intermédio de Rodrigo S. M., o alter ego, a transfiguração da própria Clarice.

A quarta e última engrenagem da *roda da escritura* enquanto processo de criação literária diz respeito ao *autor*. O *autor* é o responsável pela escritura final, perpassando as três instâncias apresentadas anteriormente. Quanto mais o texto é rasurado, mais se distancia do *escritor*, cedendo espaço à lenta e gradual formação do *autor*. Nesse movimento dinâmico do processo de criação literária, o *autor* não é o criador da escritura, e sim, sua cria, visto que o processo de escritura constituirá a instância do *autor*.

A instância do *autor* não é evidente na obra justamente pelo fato do objeto em análise ser o produto final da escritura, e não manuscritos, onde certamente se teria vasto e rico

material, composto de rasuras, anotações complementares, notas nas margens, enfim, um universo de possibilidades que revelaria as vontades e os indícios autorais. O narrador apenas menciona o vocábulo *autor* na passagem “Quanto a mim, autor de uma vida, me dou mal com a repetição: a rotina me afasta de minhas possíveis novidades” (LISPECTOR., 1998, p. 41). Trata-se de uma observação na qual o *narrador* Rodrigo S. M. se reconhece como *autor*, revelando, também, a voz lispectoriana.

Com esta análise, é possível concluir que Rodrigo S. M. é a transfiguração, o alter ego lispectoriano. Mesmo criando esse narrador-personagem, Clarice se descuida e revela-se como a verdadeira entidade presente nas quatro instâncias da *roda da escritura*. Ou seja, Clarice é, efetivamente, a *escritora*, *scriptor*, a *narradora* e *autora* da história de Macabéa e de Rodrigo S. M. A última instância da *roda da escritura* não pôde ser contemplada plenamente uma vez que não estamos lidando com manuscritos – os instrumentos ideais para este tipo de estudo.

No interior de *A hora da estrela*, Rodrigo S. M. também é *escritor*, *scriptor*, *narrador* e *autor* da obra que está escrevendo. Do mesmo modo que a *roda da escritura* movimenta-se com uma complexidade de engrenagens na narrativa ora analisada, a relação entre Clarice e Rodrigo S. M. é de fronteiras tênues e de difícil delimitação ou dissociação. Os dois são elementos autônomos, cada qual com sua própria *roda da escritura* e, ao mesmo tempo, sujeitos interdependentes. Em síntese, *A hora da estrela* movimenta-se sob duas *rodas da escritura*. Daí sua natureza singular, complexa e antifinalista.

Uma sensação de perda (ou saída discreta pela porta dos fundos ou .quanto ao futuro. ...)

Este artigo problematizou de modo sucinto a *roda da escritura* na novela *A hora da estrela*, localizando suas quatro instâncias – *escritor*, *scriptor*, *narrador* e *autor* – e as concebendo como engrenagens que operam em um movimento complexo, nem sempre de fácil entendimento. Soma-se a isso o estilo, a linguagem, o(s) enredo(s) da obra, onde temos um narrador-personagem que é a transfiguração da própria autora. As delimitações do domínio de um e de outro são tênues, mesclando-se em diversos momentos, do mesmo modo que as quatro instâncias da *roda da escritura* requerem diferentes leituras analíticas a fim de se chegar a alguma conclusão, ou pelo menos próximo de uma conclusão.

A discussão em torno desses aspectos da obra prevalecerá na Academia, entre leitores habituais e leigos, experientes e inexperientes com o verbo lispectoriano. Novas análises surgirão para incrementar o debate e a fortuna crítica da obra. Afinal, nas palavras da autora: “Juro que este livro é feito sem palavras. É uma fotografia muda. Este livro é um silêncio.

Este livro é uma pergunta” (LISPECTOR, 1998, p. 17). Pergunta que perdura e atesta seu caráter antifinalista, sua estética do inconcluso.

Trata-se de uma obra com um vasto campo para novas pesquisas e possibilidades, para além da Literatura, Linguística, Filosofia, Psicologia, Estética, Sociologia etc. Outros estudos sobre o seu processo de criação são possíveis e poderão ser esmiuçados. Novas gerações de leitores contribuirão com o debate acerca da criação e de sua criadora.

Por fim, evidencia-se a plurissignificação, as literariedades, o mistério envolvendo criadora e criação, além do fato de ser aquilo que Umberto Eco (2013) chamava de *obra aberta*. Uma obra sempre aberta para novas leituras, novas pesquisas, novas possibilidades, pois, como Lispector anuncia na dedicatória: “Trata-se de livro inacabado porque lhe falta resposta. Resposta esta que alguém no mundo ma dê. Vós?”

THE WRITING WHEEL IN THE NOVEL *A HORA DA ESTRELA* BY CLARICE LISPECTOR: A COMPLEX GEAR

ABSTRACT: This article offers a brief analysis of the novel *A Hora da Estrela*, by Clarice Lispector, in the light of the “writing wheel”, a genetic theory developed by Philippe Willemart (2009). It examines each of the wheel’s four domains—the writer, the *scriptor*, the narrator, and the author—in order to understand how the narrative presents them. The fact that it portrays “a story written within the story”, where the author crafts a narrator (Rodrigo S. M., who is also a writer) in the hopes of remaining unnoticed, justifies the selection of this literary work. Considering the unique nature of the novel, which includes the fact that the author—an icon in Brazilian literature—reveals herself many times through the narrator’s voice, both of them playing the writer and the *scriptor* roles, a study of her “writing wheel” is bound to reveal the complexity and dynamism enacted by the movement of its four domains. Moreover, this study might add to the critique of Clarice Lispector’s work, as well as to the Genetic Criticism investigative field and processes of artistic creation in the present day, especially those that focus on the “writing wheel” or one of its four domains in a given literary work.

KEYWORDS: *A Hora da Estrela*. Clarice Lispector. Writing wheel.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Discurso de primavera e algumas sombras*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- ECO, Umberto. *Obra aberta*. 9. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013.
- ESTEVEVES, de V., M. J. *Pensamento sistêmico*. O novo paradigma da ciência. Campinas: Papyrus, 2002.
- FERRER, D. A crítica genética do século XX será transdisciplinar, transartística e transemiótica ou não existirá. In: ZULAR, R. (Org.). *Criação em processo ensaios de crítica genética*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002, p. 203-217.
- FUKELMAN, Clarisse. Escrever estrelas (ora direis). In: LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991. Paginação?
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MAGIOLI, Ailton. Escritor e jornalista José Castello dá oficina em BH. *Portal Uai*, Belo Horizonte, 21 mar. 2015. Disponível em: <<http://www.uai.com.br/app/noticia/e->

mais/2015/03/21/noticia-e-mais,165885/lutar-com-as-palavras.shtml>. Acesso em: 2 ago. 2017.

MOSER, Benjamin. *Clarice, uma biografia*. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

NOLASCO, Edgar César. Amizades gauches. *Revista Cerrados*, Brasília, v. 17, n. 26, 2008. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/8360/6356>>. Acesso em: 5 ago. 2017

SALLES, C. A. *Gesto Inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: FAPESP: Anna-blume, 1998.

VELOSO, Caetano. Clarice. *Overmundo*. Rio de Janeiro: Philips Records, 1968. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 2. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/144331/>>. Acesso em: 29 jul. 2017.

WILLEMART, Philippe. *Bastidores da criação*. São Paulo: Editora Iluminura ., 1999.

_____. *Processos de criação na escritura, na arte e na psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

Recebido em: 17/09/2020.

Aprovado em: 17/11/2020.